

## **A Revolução Mexicana de *Regeneración* e as redes libertárias nas Américas**

Fábio da Silva Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** A Revolução Mexicana foi um acontecimento que não ficou circunscrito em seus limites geográficos; ao contrário, despertou o interesse de intelectuais, políticos e militantes sociais ao redor do mundo. Nessa época, em que os jornais impressos foram o principal veículo de comunicação de massa, o periódico *Regeneración*, do Partido Liberal Mexicano, realizou uma leitura radical da Revolução Mexicana e circulou entre os grupos anarquistas do continente europeu e americano. O presente artigo apresenta alguns apontamentos sobre essa leitura militante da Revolução Mexicana, da constituição e dinâmica das redes de informações anarquistas nas Américas do início do século XX.

**Palavras-chave:** Revolução Mexicana, *Regeneración*, Redes anarquistas.

**Abstract:** The Mexican Revolution was an event not circumscribed by its geographic borders, but that arose intellectuals, politicians and social militants all over the world. At that time, when the newspapers were the main means of mass communication, the periodical *Regeneración*, official publication of the Mexican Liberal Party, made a radical interpretation of the Mexican Revolution. This interpretation has circulated among the anarchist groups from both the American and the European continents. Thus, this paper presents some notes about this interpretation of the Mexican Revolution, as well as the constitution and the dynamics of the anarchist nets of information in the American Continent in the beginning of the XX<sup>th</sup> Century.

**Keywords:** Mexican Revolution, *Regeneración*, Nets of anarchists.

No calor do momento, a interpretação da Revolução Mexicana foi alicerçada em vários conceitos, como o positivismo, o liberalismo e o anarquismo. Esse evento definidor do México moderno ecoou, repercutiu e foi acompanhado em diversos países

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras/Campus Assis. Pesquisa atual: *Operários e camponeses: a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910-1920)*, financiada pela Fapesp. E-mail: fabiosilvasousa@hotmail.com. Endereço para correspondência: Rua Professor Edgar de Moraes, 301 - Jardim Frediani - Santana de Parnaíba/SP. CEP: 06502-203.

por meio do principal veículo de comunicação de massa do início do século XX: os jornais impressos. Nesse manancial de ideias modernas, os desdobramentos do processo revolucionário mexicano tiveram uma pluralidade de interpretações no exterior. Nos meios informativos do Velho Mundo, a leitura desse acontecimento atrelou-se a outros eventos de impacto mundial.

Em alguns países europeus, os periódicos enquadrados na categoria de *grande imprensa* noticiaram a Revolução Mexicana como consequência da política imperialista do governo dos Estados Unidos (EUA) na região sul do continente americano. Como exemplo, essa leitura foi muito difundida na Espanha, que ainda estava se recuperando da perda da colônia cubana, ocorrida em 1898 (SEVILHA SOLER, 2005). Outro exemplo não restrito à opinião pública sevilhana encontra-se na cobertura realizada pela grande imprensa francesa. Além de manter uma similaridade com a Espanha na interpretação sobre a participação estadunidense no decorrer da Revolução Mexicana, o advento da Primeira Grande Guerra também teve o seu papel em guiar um olhar etnocêntrico sobre os acontecimentos no México. Alguns diários da França publicaram editoriais acusando a Alemanha de tentar fomentar um conflito entre EUA e México, com o objetivo de mudar o foco do primeiro em relação ao conflito europeu (COVO, 1993, p.705).

No continente americano, as notícias sobre o México revolucionário também chegaram ancoradas em diversas posturas ideológicas. Na Argentina, Pablo Yankelevich (1996) demonstrou como os desdobramentos revolucionários do México influenciaram o intelectual Manuel Ugarte, que, por meio de alguns jornais de grande tiragem, iniciou uma campanha contra o imperialismo estadunidense. Na incipiente República brasileira, o *Estado de S. Paulo*, *OESP*, também realizou uma cobertura tendenciosa do processo revolucionário mexicano. Defensores dos ideais republicanos, alguns editoriais do *OESP*, muitos a cargo do diplomata Oliveira Lima, atacaram o radicalismo da Revolução Mexicana, descrevendo-a, em vários momentos, como consequência do passado oligárquico da era porfiriana e, novamente, *do imperialismo econômico dos EUA* (BARBOSA, 2006, p.9, grifo nosso).

A repercussão da Revolução Mexicana não se deteve apenas nos exemplos expostos acima. Esse evento recebeu uma cobertura distinta nos círculos operários de tendência anarquistas espalhados nas Américas, que encontraram no periódico

*Regeneración* o seu principal órgão difusor de informes sobre os acontecementos revolucionários no México.

### ***Regeneración e a Revolução (Libertária) Mexicana***

A Revolução que incendiou o México no início do século XX, segundo Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer (2000, p.13), foi um acontecimento totalmente imprevisto para alguns setores da sociedade mexicana, surpreendendo todos que acreditavam no discurso pacificador da *Pax porfiriana*. Em seus estudos, os dois autores afirmam que havia uma atmosfera de paz no território mexicano, de tal forma que o jornal *El Imparcial* opinou a seus leitores que uma revolução seria um acontecimento improvável em meados de 1909. Contudo, por mais que houvesse esse *clima* de cordialidade apontado pelos autores, a hostilidade ao regime de Porfirio Díaz aumentava gradativamente. Vinte quatro horas antes da eclosão da Revolução, o periódico *Regeneración* publicou um texto intitulado “La Revolución”, assinado por Ricardo Flores Magón. Esse artigo dava mostras do sentimento de repúdio ao regime porfirista e das contradições dessa “paz” tão proclamada:

La Revolución va a estallar de un momento a otro. Los que por tantos años hemos estado atentos a todos los incidentes de la vida social y política del pueblo mexicano, no podemos engañarnos. Los síntomas del formidable cataclismo no dejan lugar a la duda de que algo está por surgir y algo por derrumbar-se, de que algo ya a levantarse y algo está por caer. Por fin, después de treinta y cuatro años de vergüenza, va a levantar la cabeza el pueblo mexicano, y, por fin, después de esa larga noche, va a quedar convertido en ruinas el negro edificio cuya pesadumbre nos ahogaba (Regeneración, n. 12, 19/nov/1910. p.1) <sup>2</sup>.

Publicação oficial do Partido Liberal Mexicano, PLM, o jornal *Regeneración* foi fundado em agosto de 1900, pelos irmãos Ricardo e Jesús Flores Magón, na Cidade do México. Publicado até 16 de março de 1918, esse periódico contou com quase 300 números e foi fundamental na divulgação dos ideais anarquistas e anarco-sindicalistas no México no final do século XIX e nas primeiras décadas seguintes. Chegou a ter 30 mil exemplares distribuídos e, como consequência da intensa perseguição política imposta a seus editores, durante anos foi editado na Califórnia (BARTRA, 1977). Inicialmente, quando surgiu, em 7 de agosto de 1900, o *Regeneración* tinha como

---

<sup>2</sup> Na descrição das notas, algumas palavras aparecerão com a grafia da época, ou com alguns erros gramaticais. Não alteramos tais palavras, pois resolvemos ser fidedignos à maneira como elas estão registradas no periódico pesquisado.

postura uma crítica liberal ao regime porfirista. Essa característica foi tão marcante que os irmãos Flores Magón apresentaram esse periódico a seus leitores com o título de “Periódico Jurídico Independiente”, em seu número inaugural. A mudança radical do discurso do *Regeneración* esteve associada à fundação do PLM. Originário do Clube Liberal criado em 30 de agosto de 1900 por Camilo Arriaga, com a publicação do manifesto *Invitación al Partido Liberal*, o PLM, que surgiria em 1905, reunia em seu quadro de sócios diversos intelectuais liberais, que tinham como proposta inicial combater o poder clerical mexicano, inspirados nos princípios da constituição de 1857, formulada por Benito Juárez, que reduziu drasticamente o poder eclesiástico no México (COCKCROFT, 1971, p.87). Contudo, na era porfiriana, essa cláusula da Constituição foi praticamente ignorada, permitindo que a Igreja voltasse a ostentar diversos privilégios na sociedade mexicana. A radicalização do PLM concretizou-se com a filiação de Ricardo Flores Magón e também como uma reação à grande violência promovida pelo regime porfiriano: “O aumento de repressão por parte do governo levou o partido a deslocar-se rapidamente para a esquerda, que logo assumiu características e manifestações anarco-sindicalistas” (KATZ, 2002, p.90).

Passando rapidamente de “Periódico Jurídico Independiente” para “Periódico Independiente de Combate”, o *Regeneración* esteve envolvido nas duas mais importantes revoltas do regime porfirista: a greve operária nas minas de cobre da companhia estadunidense *Cananea Consolidated Company S.A*, em Cananea, no Estado de Sonora, em 1906, e, um ano depois, na paralisação da fábrica têxtil de Río Blanco, no Estado de Veracruz. Ambas as manifestações foram violentamente reprimidas por Díaz e demonstraram as contradições que originariam a Revolução de 1910.

Com essa transformação radical em seu discurso impresso, o *Regeneración*, por meio de diversos artigos, quase todos assinados por Ricardo Flores Magón, defendeu a tese de que somente uma Revolução poderia proporcionar uma mudança na realidade mexicana. Contudo, se o periódico estava em sintonia com esse clima de insatisfação, como pode ser comprovado no texto “La Revolución” citado, inesperadamente, para os editores dessa folha anarquista, a Revolução que eclodiu no México teve como protagonista Francisco I. Madero e o seu Plano de São Luis Potosí.

Nos primeiros dias da Revolução, o *Regeneración* se posicionou de maneira branda e, em suas páginas, exaltou o fato de que o povo mexicano enfim havia se

levantado contra a exploração porfiriana. Contudo, ao mesmo tempo, realizou ataques velados a Francisco Madero. Esse tipo de crítica, entretanto, não durou por muito tempo e, na sua edição de abril de 1911, por meio da publicação do texto “MANIFIESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo”, de Flores Magón, o *Regeneración* enfim se posicionou diante do processo revolucionário mexicano:

COMPAÑEROS: Hace un poco más de cuatro meses que la Bandera Roja del proletariado flamea en los campos de batalla de México sostenida por trabajadores emancipados cuyas aspiraciones se compendian en este sublime grito de guerra: ¡TIERRA Y LIBERTAD!  
[(.....)] Estos revolucionarios están representados por la Junta Organizadora del Partido Liberal Mexicano (...)[.....] cuyo órgano oficial, “Regeneración”, explica con claridad sus tendencias.  
El Partido Liberal Mexicano no lucha por derribar al Dictador Porfirio Diaz para poner en su lugar á un nuevo tirano. El Partido Liberal Mexicano toma parte en la actual insurrección con el deliberado y firme propósito de expropiar la tierra y los útiles de trabajo para entregarlos al pueblo, esto es, á todos y cada uno de los habitantes de México, sin distinción de sexo.  
(...)[.....] se encuentra igualmente con las armas en la mano outro partido: el Anti-reeleccionista, cuyo jefe, Francisco I. Madero, es un millonario que ha visto aumentar su fabulosa fortuna con el sudor y con las lágrimas de los peones de sus haciendas (Regeneración, n. 32, 08/Abr/1911. p.01).

Quando esse documento foi publicado, em abril de 1911, Porfirio Díaz ainda estava no poder e não tinha plena consciência da gravidade dos acontecimentos e do enfraquecimento que as tropas federais estavam sofrendo a cada derrota diante das forças revolucionárias maderistas.

Em meio a esse cenário, a Revolução Mexicana estava dividida entre duas tendências de mudanças político-sociais: uma, de via democrática e política, defendida por Francisco Madero, e outra, de via social e econômica, encabeçada pelo PLM. Desses dois polos de representação política, a estratégia revolucionária de Francisco Madero gozava de uma imensa popularidade e conseguiu atingir uma visibilidade que espantou até mesmo o autor do Plano de São Luis Potosí. Ao caracterizar, por meio desse manifesto, que a Revolução em curso no México era uma insurgência guiada por operários anarquistas e libertários, representados pelo PLM, e orientada pelo conteúdo do periódico *Regeneración*, Ricardo Flores Magón e seus companheiros tinham como objetivo atacar, por meio das palavras, esse grande apoio que a proposta revolucionária maderista recebia entre os insurgentes mexicanos. Dessa forma, o PLM não apenas criticava a moral de Madero, acusando-o de ser um “milionário” que obteve a sua fortuna à custa da exploração dos camponeses em suas terras e nivelava-o socialmente a

Porfirio Díaz, mas, além disso, seus integrantes almejavam sair vitoriosos dessa disputa política sobre qual seria a estratégia revolucionária que guiaria a Revolução Mexicana.

Nesse embate ideológico, o *Regeneración* encontrou na propaganda a sua principal arma de combate, e, provavelmente, o manifesto exposto do PLM circulou separadamente da edição de nº 32. Reforça tal hipótese o artigo “Movimiento de solidaridad”, também de autoria de Ricardo Flores Magón e publicado na primeira página do referido exemplar:

Animo, compañeros; no estamos solos en esta lucha. Nuestros hermanos de cadena de todo el mundo nos ayudarán para convertir en hecho nuestra bella aspiración: TIERRA Y LIBERTAD.

(...)[.....] Agitadores de nervio en diversos Estados de esta nación hacen esfuerzos poderosos para llevar la agitación en favor del proletariado mexicano a todos los países del mundo.

El Manifiesto que publicamos en este número de REGENERACIÓN está siendo traducido al francés, al alemán y al italiano, de manera que por lo pronto, circulará en cinco importantes idiomas y tenemos la esperanza de que sea traducido al hebreo, al ruso, **al portugués** y á otros muchos idiomas por nuestros camaradas de todo el mundo.

[...] )Y si los gobiernos de todos los países quisieran aplastarnos, los proletarios de esos mismos países se levantarían en armas para detenerlos. (*Regeneración*, n. 32, 8/abr/1911. p.1, grifo meu).

Traduzido para diversas línguas, inclusive para o português, esse documento, além de reivindicar um caráter social, libertário e internacionalista para a Revolução Mexicana, defendia a tese de que a classe operária mundial deveria se espelhar no exemplo mexicano e adotar a agitação social em suas respectivas sociedades. Um dos resultados dessa propaganda foi o apoio concedido pela militante anarquista Emma Goldman à causa da Revolução Mexicana. Nascida na província de Kovno, Rússia, em 27 de junho de 1868, Goldman foi uma das mais respeitáveis militantes do movimento anarquista mundial. Emigrou para os EUA em 1886, acompanhou as lutas operárias pelas oito horas de trabalho e teve uma influência peremptória na adesão de Ricardo Flores Magón ao pensamento anarquista. O apoio dessa anarquista nesses primeiros anos da Revolução Mexicana foi importante na divulgação e na legitimação, entre militantes ácratas em escala mundial, de que a Revolução vivenciada no México era uma insurgência libertária, conduzida pelo PLM e, intelectualmente, por Ricardo Flores Magón. Tendo em mãos o original em inglês de uma carta de Emma Goldman, datada de 28 de novembro de 1911, Edgar Rodrigues (2007, p.133) demonstra que a anarquista russa encarregou Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós e Vasconcelos, de ser o representante brasileiro da campanha em prol da Revolução

“Libertária” Mexicana e que ele “aceitara a incumbência de ser o coletor e depositário dos recursos financeiros e o delegado, no Brasil, dos revolucionários libertários mexicanos”.

O apoio de Goldman foi apenas um exemplo de como essa propaganda, presente nas páginas do *Regeneración*, sobre o caráter libertário da Revolução Mexicana encontrou respaldo no movimento anarquista estabelecido em diversas regiões do globo, cuja circulação de notícias só foi possível graças a uma rede de informações libertárias.

### **Redes alternativas de informações: internacionalismo anarquista nas Américas**

O nacionalismo sempre foi considerado pelos adeptos das doutrinas anarquistas uma forma de opressão e dominação do Estado burguês capitalista, que substituiu, segundo eles, uma fraternidade que deveria ser universal por uma divisão *imaginada* de crenças, religião, língua, bandeiras entre outros símbolos nacionais (ANDERSON, 2008). Imbuídos no ideal libertário, tais indivíduos, no início do século XX, contaram com uma rede de comunicação e de solidariedade internacional libertária, que funcionava por meio de troca de correspondências, jornais, panfletos; existia, também, o contato com anarquistas de outras partes do globo. Uma das razões para a constituição dessa rede de comunicações invisível está no fato de que esses militantes ácratas compartilharam uma Cultura Política Libertária.

Serge Bernstein (1998) define a Cultura Política como um fenômeno de múltiplos parâmetros que auxiliam na compreensão da complexidade do comportamento social humano, importante no estudo de como as pessoas, no seu individual ou no coletivo, compartilham e assumem decisões políticas. Apesar de conceituar sempre no singular, Bernstein afirma que há diversas formas de Cultura Política. O anarquismo, mesmo com suas várias tendências, foi compartilhado por diversos coletivos espalhados pelo mundo, o que o torna uma Cultura Política de afinidade entre esses militantes, os quais não aceitaram a sociedade capitalista em seus respectivos países e lutaram contra seu sistema. Para Bernstein, alguns elementos comuns, que formariam um conjunto homogêneo, são essenciais na definição de uma Cultura Política:

(...)[.....] um discurso codificado em que o vocabulário utilizado, as palavras-chaves, as fórmulas repetitivas são portadoras de significação, enquanto ritos e símbolos desempenham, ao nível do gesto e da representação visual, o mesmo papel significante (BERNSTEIN, 1998, p. 351).

Os militantes libertários compartilharam de uma mesma biblioteca de leituras – principalmente as de literatura anarquista europeia –, como as obras de Errico Malatesta, Piotr Kropotkin, Mikhail Bakunin, entre outros intelectuais. No que diz respeito à linguagem, mesmo com dinâmicas diferentes, encontramos, entre esses rebeldes, uma linguagem em comum em seus manifestos e periódicos: alusões afetivas e empolgadas às palavras *Anarquia*, *Socialismo* e *Comunismo* – não confundir com o conceito do termo pós-Revolução Russa – e contestação dos termos *Governo* e *Capitalismo*. Nesse sentido, esses personagens políticos utilizaram um discurso semelhante com um mesmo léxico para expressar suas ideias e contrapor-se à ordem estabelecida de suas realidades sociais. Ao analisar as palavras em seus contextos, detectamos um compartilhamento de símbolos e imagens que ajudaram na definição dessa identidade política libertária, como a bandeira rubro-negra e a utilização do dia 1º de maio como uma data reservada para protestos.

Essa rede de afinidade anarquista nas Américas praticamente não deixou registros materiais de seu funcionamento, pois o anonimato das atividades desses militantes foi uma prática de resistência contra a opressão do Estado. Contudo, quando investigamos como a Revolução Mexicana repercutiu entre esses militantes libertários, conseguimos construir algumas características dessa rede invisível.

O *Regeneración* circulou e foi lido por diversos militantes ácratas organizados em núcleos e organizações anarco-sindicalistas no continente americano, principalmente nos países em que o movimento operário estava consolidado, como Cuba, Uruguai e Argentina. Com o estalar da Revolução, o interesse dos anarquistas da América Latina pelos acontecimentos no México aumentou, e o periódico de combate do PLM intensificou a sua distribuição em outras regiões, chegando inclusive ao Brasil.

Os anarquistas instalados em Cuba acompanharam com grande interesse os informes da Revolução Mexicana impressos no *Regeneración*, e o intercâmbio de informações foi estabelecido entre o órgão oficial do PLM e o periódico sindicalista de tendência anarquista *¡Tierra!*. Editado por anarquistas cubanos e imigrantes oriundos de



Andaluzia, Espanha, *¡Tierra!* construiu uma enorme rede de intercâmbios com outros jornais libertários de língua espanhola. Alejandro de La Torre (2010) conseguiu traçar alguns títulos que mantiveram contato com esse periódico anarquista cubano: *El Despertar*, *La Questione Sociale y Germinal*, de Paterson, EUA; *Tierra y Libertad*, de Madrid, Espanha; *La Revista Blanca* e *El Corsario*, de Barcelona, Espanha; *La Protesta*, de Buenos Aires, Argentina, e *Tiempos Nuevos*, de Montevideu, Uruguai. O primeiro contato de *¡Tierra!* com o *Regeneración* ocorreu após a fundação do PLM, em 1905. Para De La Torre (2010), Cuba foi um ponto importante de distribuição do *Regeneración* e de divulgação, entre os anarquistas do continente americano, dessa leitura libertária da Revolução Mexicana. Da Califórnia, os membros do PLM enviavam, pelo correio, alguns exemplares camuflados do *Regeneración* a Havana e lá, *¡Tierra!* publicava algumas informações sobre a situação mexicana em suas páginas e também redistribuía esse periódico anarquista mexicana à Espanha e a outros países da América Latina.

Os anarquistas uruguaios também leram com avidez as avaliações de Ricardo Flores Magón sobre o processo revolucionário mexicano. Segundo Carlos M. Rama (1957), o contato entre anarquistas uruguaios e mexicanos data de antes da Revolução Mexicana. Entre os anos de 1872 e 1877, houve intensa troca de correspondências entre as seções uruguaia e mexicana de *La Asociación Internacional de Los Trabajadores*, e o contato com o *Regeneración* ocorreu um ano após a fundação do PLM, em 1906. A repercussão da leitura magonista sobre o processo revolucionário mexicano gerou um debate entre os socialistas e anarquistas uruguaios. O *El Socialista*, periódico oficial do Partido Socialista do Uruguai, publicou diversas matérias críticas sobre o caráter radical da Revolução Mexicana, enquanto os anarquistas, por meio da publicação *Tiempos Nuevos*, apoiaram o PLM, com manifestações e arrecadação de fundos destinados à Junta Organizadora do Partido Liberal, sediada em Los Angeles. Esse apoio foi tão intenso que, em 14 de agosto de 1914, Ricardo Flores Magón escreveu uma carta endereçada a *Tiempos Nuevos* agradecendo o apoio dos anarquistas de Montevideu ao PLM (RAMA, 1957, p.171).

Após a extinção do *Regeneración* em 1918, a imprensa anarquista do Uruguai, principalmente nas páginas do periódico *La Batalla*, continuou publicando notícias do México até meados de 1919, tendo como fonte de informações as correspondências que

lhes eram enviadas pelo general zapatista Jenaro Amezcua, que, nesse momento, estava vivendo em Havana, Cuba.

Simetricamente, o movimento anarquista argentino estabeleceu contato com o PLM em 1906. Yankelevich (1999) demonstrou, em seu estudo, que os libertários do periódico *La Protesta* apoiaram o PLM nos primeiros anos da Revolução Mexicana; contudo, após 1914, com a intervenção dos *marines* estadunidenses em Vera Cruz e da mediação do Pacto do ABC – com participação de Argentina, Brasil e Chile –, essa posição sofreu uma mudança: “Hacia 1914 la geografía política de la Revolución mexicana adquirió tal complejidad, que ciertos líderes anarquistas comenzaron a dudar de la capacidad del PLM para encauzarla” (YANKELEVICH, 1999, p.60). Essa crítica realizada pelos editores de *La Protesta*, movida pelo interesse em saber se o *Regeneración* estava realmente publicando informações fidedignas dos desdobramentos da Revolução Mexicana, acentuou-se após o surgimento dos *Batallones Rojos* – colunas de combate formadas por uma parcela importante do proletariado mexicano, que combateu as tropas de Francisco “Pancho” Villa e as forças de Emiliano Zapata em 1914 –, que foram importantes na vitória das forças constitucionalistas comandadas por Venustiano Carranza. Seguros de que o PLM não estava mais no comando da Revolução Mexicana, e após os informes vitoriosos da Revolução Bolchevique de 1917, o fluxo de informações e de solidariedade dos anarquistas argentinos para os membros do PLM declinou irreversivelmente.

Com uma dinâmica diferente, os anarquistas da Primeira República brasileira tiveram contato com o *Regeneración* e com o PLM em 1911, com a publicação traduzida do texto “MANIFIESTO A los Trabajadores de Todo el Mundo”. A imprensa operária brasileira destacou a Revolução Mexicana em suas páginas nos anos de 1911 e 1912. Nesse período, os jornais operários *A Guerra Social*, *La Battaglia*, *A Lanterna*, entre outros, traduziram e publicavam textos completos ou partes de artigos originários do *Regeneración* e de outras publicações que seguiram a mesma linha opinativa do periódico oficial do PLM. Tais impressos de protesto promoveram manifestações, abaixo-assinados e campanhas financeiras a favor dos liberais radicais mexicanos, que, na perspectiva dos operários gráficos dessas publicações, seriam os orientadores do processo revolucionário mexicano. Apoiar o PLM significava apoiar a Revolução Mexicana.

*A Lanterna* foi o periódico anarquista que mais se empenhou em arrecadar fundos de auxílio ao *Regeneración*. Suas listas de subscrições variavam muito, contudo, alguns padrões puderam ser estabelecidos sobre o seu funcionamento: as subscrições de apoio aos revolucionários mexicanos circulavam em diversas cidades do estado de São Paulo, como Piracicaba e Santos. Em São Paulo, a arrecadação era realizada no Salão Germânia, ponto de reunião e encontro de diversos militantes operários, e as quantias de outras localidades eram remetidas à redação do periódico libertário ou a um Comitê de Solidariedade Internacional, também localizado na cidade paulistana.

Pelas listas publicadas, o ano de 1911 representou o período de mais intensidade no apoio ao PLM, e *A Lanterna* arrecadava, em cada campanha, de 400\$000 a 600\$000 mil-réis. Contudo, com o passar do tempo, esses valores foram se reduzindo e, em 1912, as notas publicadas referente às listas de apoio já davam mostras de que não tinham a mesma intensidade apresentada no ano anterior:

*Regeneración*, que é o órgão com um pesado déficit devido á necessidade de fazer enormes tiragens para serem distribuídas pelo povo do México.

Attendendo a um appello recebido do Comitê do Partido, o companheiro Feliciano Chans resolveu abrir uma subscrição em favor do citado jornal, iniciando-a com a quantia de 25\$000.

Todas as pessoas que queiram prestar o seu auxilio á grande causa dos revolucionários mexicanos podem dirigir-se ao mencionado companheiro, no largo de S. Bento, no automóvel 418, ou na rua Oriente, 113 e também á nossa redacção (*A Lanterna*, n. 32. 8/4/1911. p.1).

A partir de 1912, *A Lanterna* publicou poucas listas de arrecadação em comparação com as atividades desenvolvidas em 1911. Feliciano Chans, mencionado na nota acima, foi o responsável no momento em articular uma campanha de apoio aos revolucionários mexicanos, representados pelo PLM e pelo *Regeneración*. Fora o trecho publicado acima, Chans realizou mais duas subscrições: uma no valor de 80\$000 e outra no de 120\$500, converteu esse valor em dólares e enviou a soma diretamente ao Comitê do PLM, em Los Angeles. Fica evidente no material publicado nessa época um declínio do auxílio prestado pelos militantes brasileiros ao PLM e torna-se perceptível a redução de valores conseguidos em prol dos revolucionários mexicanos. Em 1911, cada arrecadação girava em torno de 400\$000 a 600\$000 mil-réis, como já mencionado, enquanto, no ano posterior, esse mesmo pedido de auxílio não chegava a 130\$000 mil-réis.

Em outra perspectiva, comparando a repercussão obtida nos círculos libertários do Uruguai e da Argentina, o movimento anarquista do Brasil não realizou um debate crítico sobre a situação mexicana: quase todas as notícias sobre a Revolução Mexicana foram traduções fidedignas do *Regeneración* ou de outras publicações estrangeiras, que também utilizaram o periódico oficial do PLM como fonte de informações sobre esse evento. Imbuídos nesse ideal revolucionário e libertário, para os operários gráficos da Primeira República brasileira, a leitura da Revolução Mexicana foi guiada no sentido de realizar uma propaganda dela entre os militantes brasileiros, como pode ser comprovado pelo uso repetitivo de termos de aproximação afetiva, como “camaradas”, “nossos irmãos” ou “nossos companheiros” (SOUSA, 2009, p.17).

No decorrer do segundo decênio do início do século XX, o fluxo de informações sobre a Revolução Mexicana decaiu nos jornais operários. A eclosão da Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa foram eventos que eclipsaram a atenção do movimento operário brasileiro em relação aos acontecimentos no México. O próprio *Regeneración* também foi responsável por essa mudança de foco, pois, após a Revolução bolchevique, Ricardo Flores Magón deixou, gradativamente, de escrever sobre os acontecimentos no México e se dedicou a analisar os eventos de Moscou.

O *Regeneración* também foi bastante lido, referenciado e utilizado como fonte de informações sobre a Revolução Mexicana na Europa, e os periódicos *Libertaire*, da França, e *Tierra y Libertad*, da Espanha, usaram-no como fonte de informações sobre o processo revolucionário do México. No interior desse circuito de remessa de jornais libertários – possível pelos serviços postais da época –, existiu uma triangulação intercontinental impressa: o *Regeneración* saía dos EUA, com destino à Europa e América Latina, e constituía, nesse trajeto, um canal de mobilização política libertária em prol da Revolução Mexicana.

Essa rede de informações libertárias nas Américas não foi composta apenas por jornais impressos. A movimentação de militantes pelos países também foi importante para estabelecer laços de contato e de afinidade entre os anarquistas dessas regiões. Como exemplo, o periódico de São Paulo *La Battaglia* publicou, em 1912, um material diferente sobre o México revolucionário: uma carta redigida pelo médico e anarquista Dr. John Creaghe, que, frequentemente, é associado à trajetória do movimento anarquista inglês e argentino, onde sempre esteve envolvido em propagandas libertárias,

manifestações, fundações de organizações, entre outras atividades. Sua ligação com a Revolução Mexicana deu-se por meio de uma viagem iniciada na Argentina com destino a Los Angeles. Abaixo, seguem alguns trechos de seu relato de viagem publicados no periódico italiano *La Battaglia*:

O companheiro Dr. John Creaghe, velho e ousado militante, apesar da idade tardia, meses atrás saiu de Lujan (Argentina) e atingiu as fronteiras do México. De lá, ele escreveu para os companheiros da América do Sul, confirmando a realidade do movimento comunista agrário e da sua importância. Vejamos a carta:

“<<Companheiros, Eu acredito no dever de trazer para ao vossos conhecimentos a minha opinião sobre o atual movimento do México, uma opinião de quem teve a oportunidade de formá-la com conhecimento dos fatos. Parti de Lujan, Argentina, em setembro do ano passado, com destino a Los Angeles, Califórnia, e passei através do México, onde, sabíamos que havia um movimento revolucionário de caráter econômico, apesar do triunfo do partido político liderado por Francisco Madero. Sobre isso já havíamos lido no REGENERACIÓN, mas, entretanto, eu duvidava se era realmente verdade aquilo que lerai e, quando fui para a capital do México, eu não sabia da importância do movimento organizado por Emiliano Zapata e pela da agitação provocada pelos nossos colegas do REGENERACIÓN. Estava na capital do México sem poder receber informações pelos de nossos companheiros, mas, a partir de acordo com o que informava a leitura dos jornais burgueses, creio que a importância do movimento mexicano aumenta a cada dia. Nos últimos dias no México, jornais burgueses, de alguns estados ou províncias mexicanas, queixaram-se do conjunto da população --, velhos, jovens, mulheres e crianças --, que se tornaram zapatistas. Hoje, eu vi um jornal católico e burguês do México de nome ‘<<El Tiempo’>> estimando que Zapata, denominado como o Átila do Sul, é responsável por cerca de três milhões de membros”>> (*La Battaglia*, n.4/1911. p.2 – tradução minha).

Depois dessa experiência no México, Creaghe uniu-se ao PLM na Califórnia e participou ativamente de suas ações nos Estados Unidos. Considerada uma testemunha da realidade mexicana, interpretamos a importância da publicação desse relato pelo *La Battaglia* como uma maneira de legitimar, em suas páginas, tudo o que o *Regeneración* e outras publicações libertárias redigiram sobre o México até aquele momento. Afinal, tratava-se de um documento de um indivíduo que esteve em solo mexicano, presenciando todo o turbilhão revolucionário com os seus próprios olhos. Segundo o relato, houve uma dificuldade de circulação do *Regeneración* em território mexicano, razão pela qual o autor foi obrigado a recorrer a jornais burgueses para se manter informado. Outra informação que merece destaque é sua observação sobre a maneira como Zapata foi retratado por esses periódicos – com a alcunha de “Átila do Sul”. Não obstante, cabe ressaltar que Creaghe, pelo seu posicionamento ideológico e pela sua simpatia a Flores Magón e ao PLM, realizou uma leitura tendenciosa da realidade

mexicana, o que não desqualifica o seu relato, mas revela que o mesmo serviu para fins políticos e ideológicos quando foi escrito e publicado.

### **Considerações finais**

A Revolução Mexicana não recebeu uma leitura imparcial em seu momento de acontecimento. Se a *grande imprensa* interpretou-a com base em seus posicionamentos políticos, descrevendo-a como consequência do imperialismo estadunidense ou como um acontecimento personificado do embate entre o liberalismo e a oligarquia do século XIX, o mesmo pode ser dito sobre a sua repercussão entre os adeptos das doutrinas anarquista, que leram o processo revolucionário mexicano segundo suas bases ideológicas.

Antes da Revolução, o movimento anarquista estabeleceu na Europa e nas Américas uma rede de contatos, que foi bastante utilizada para a difusão da ideologia libertária e para a troca de experiências, conhecimentos e informações. Ao eclodir, em novembro de 1910, a Revolução Mexicana – considerada em muitos estudos como o primeiro levante de apelo social do século XX – mobilizou os indivíduos anarquistas desses dois continentes, os quais elegeram o periódico *Regeneración* como porta-voz e órgão orientador desse evento *sui generis*.

Nas Américas, os militantes ácratas estabelecidos em Cuba, Uruguai, Argentina e Brasil apoiaram a Revolução “Libertária”, que, em suas perspectivas, estava em curso no México. Para tais indivíduos, seguidores das doutrinas anarquistas, o processo revolucionário mexicano representou o primeiro passo de uma grande Revolução em escala mundial contra o capitalismo. Nesse campo imaginário, a leitura idealizada do *Regeneración* foi recebida com entusiasmo, e apoiar o PLM significava apoiar a própria Revolução. Nesse momento de entusiasmo e solidariedade, o PLM conseguiu receber um grande auxílio econômico e apoio dos anarquistas espalhados pelas Américas e pela Europa.

O *Regeneración*, entre os anos de 1911 a 1914, publicou uma seção intitulada “Solidaridad Internacional”, na qual Ricardo Flores Magón realizava um balanço das publicações que recebia e de eventuais apoios internacionais. Essa coluna apresenta muitos dados de como funcionava essa rede de solidariedade construída em torno de sua

circulação, porque listava os periódicos recebidos, as contribuições financeiras enviadas pelos militantes ao PLM, as manifestações realizadas, entre outras informações.

Contudo, os próprios desdobramentos da Revolução Mexicana levantaram dúvidas desse projeto emancipador presente nos jornais libertários. Os anarquistas uruguaios, brasileiros e argentinos apoiaram o PLM nos primeiros anos da Revolução, antes do desgaste político e ideológico sofrido pelos liberais radicais mexicanos a partir de 1914. Já os anarquistas de Cuba não cessaram o seu apoio, mesmo após o encerramento de publicação do *Regeneración*, em 1918.

Com a repercussão da Revolução Mexicana nesses países, o anarquismo uniu indivíduos de diversas realidades, os quais, por meio da construção de uma Cultura Política de tendência libertária, estabeleceram uma forte rede de contato, que apoiou e espalhou as notícias de uma Revolução que seria o primeiro passo de um grito de revolta contra o capitalismo. Todavia, essa postura romântica impediu que esse mundo libertário, interligado nessa invisível rede de afinidade, percebesse as características particulares e únicas dessa Revolução, que há quase cem anos mudou o destino do México.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGUILAR CAMÍN, H. & MEYER, L. *À sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, C. A. S. A repercussão da Revolução Mexicana na Imprensa Brasileira. Patrimônio e Memória – Cedap, v.2, n.1, 2006a. Disponível em: <<http://>

[www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v2.n1/carlos%20alberto%20sampaio%20barbosa.pdf](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v2.n1/carlos%20alberto%20sampaio%20barbosa.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2010.

BARTRA, A. (Prólogo, recopilación y notas). *Regeneración (1900-1918)*. La corriente más radical de la Revolución de 1910 a través de su periódico de combate. México: Ediciones Era S.A., 1977.

BERSTEIN, S. A Cultura Política. In: RIOUX, J-P. & SIRINELLI, J-Fs. *Para uma História Cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-363.

COCKCROFT, J. D. *Precursores intelectuales de la Revolución Mexicana (1900-1913)*. México: Siglo Veintiuno editores S.A., 1971.

COVO, J. La prensa en La Historiografía Mexicana. *Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, V. XLII, n.3, p.689-710, Enero-Marzo 1993.

DE LA TORRE, A. Redes de prensa libertaria: El anarquismo de Cuba y sus conexiones con la prensa ácrata internacional a principios del siglo XX. In: *VIII Coloquio de Historia Contemporánea*. Tlalpan, Ciudad de México, 2010.

KATZ, F. O México: A República Restaurada e o Porfiriato, 1867-1910. In: BETHELL, L. (org). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo/Brasília: Edusp/Imesp/Funag, v.V, 2002. p.23-103.

RAMA, C. M. La Revolución Mexicana en el Uruguay. *Historia Mexicana*. México: El Colegio de Mexico, v.VII, n.2, p.161-186, Octubre-Diciembre 1957.

RODRIGUES, E. Neno Vasco, Emma Goldman, a Revolução Mexicana de 1910 e a tese de Pietro Ferrua. *Verve: Revista Semestral do NU-SOL*. São Paulo: PUC-SP, n.11, p.132-155, abril de 2007.

SEVILHA SOLER, R. *La Revolución Mexicana y La Opinión Pública Española*. La prensa sevillana frente al proceso de insurrección. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.

SOUSA, F. S. da. Revolução Mexicana e Imprensa Operária Brasileira: Leitura Libertária e Circulação de Ideias. *Patrimônio e Memória – Cedap*, v.5, n.1, 2009. Disponível em: <[http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio\\_e\\_memoria/](http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/)



patrimonio\_e\_memoria\_v5.n1/artigos/revolucao\_mexicana.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2010.

YANKELEVICH, P. *Miradas Australes*. Propaganda cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930. México: Instituto Nacional de Estudios de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1996.

\_\_\_\_\_. Los magonistas en La Protesta. Lecturas rioplatenses del anarquismo en México, 1906-1929. *Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de Mexico*. México: Instituto de Investigaciones Históricas/Universidad Nacional Autónoma de México, v.19, p.53-83, 1999.